

**ONDE SE IRÃO METER OS LAGARTOS?
UMA ABORDAGEM ECOLÓGICA
D’AS PEQUENAS MEMÓRIAS**

Liliana Martins Silva (RBE / ME)

ABSTRACT

The *Universal Charter of Duties and Obligations of the Individuals* gives to human rights a new approach, situating them not from the point of view of the individual subject, the self, but from the point of view of the other, all others, humans and natural ecosystems that we must pay attention to and care for.

This decentring of the subject of rights is followed by a valorisation of the sensitive and natural world.

In the autobiographical book *Little Memories*, the boy and young Zé finds, through the direct and affective contact of his body, the world of small things in nature, made up of experiences, stories and living and meaningful realities that take place especially in Azinhaga, his birth’s village.

This world forms an ecosystem of images, smells, and sensations that shapes the literary imaginary of Saramago’s entire work and, in it, this boy recognizes himself as part of nature, described as a interdependent network of life in balance: “The child, for as long as he was, was simply in the landscape, he was part of it”.

Nowadays Azinhaga’s landscape has changed because some of its inhabitants have uprooted the old olive groves for more profitable extensive olive trees cultivation.

They plant olive trees that grow faster and, “however many years they live, will always be small” to facilitate the harvesting of the olives, which makes the work and the product cheaper, providing greater profit.

The breaking of the ancestral connection to nature causes these people regret, leading them to weep for the “spilled olive oil”, but uselessly because the land has been irreversibly transformed.

In this scenario of land’s instrumentalisation and exploitation, reduced to simple raw material – food and energy – or merchandise, to serve the supreme power of the economic market, Saramago leaves open the question, “What I don’t know is where the lizards will go”.

Keywords: Nature; Capitalism; Human rights.

RESUMO

A *Carta Universal de Deveres e Obrigações dos Seres Humanos* confere aos direitos humanos uma nova abordagem, posicionando-os, não no ponto de vista do sujeito individual, o eu, mas no ponto de vista do outro, de todos os outros, humanos e ecossistemas naturais que devemos ter em atenção e cuidar.

Este descentramento do sujeito de direitos é acompanhado por uma valorização do mundo sensível e natural.

No livro autobiográfico *As pequenas memórias*, o menino e jovem Zé encontra, através do contacto direto e afetivo do seu corpo, o mundo das coisas pequenas da natureza, constituído por experiências, histórias e realidades vivas e significativas que têm lugar especialmente em Azinhaga, sua aldeia de nascimento.

Este mundo forma um ecossistema de imagens, cheiros, e sensações que molda o imaginário literário de toda a obra de Saramago e, nele, este menino reconhece-se parte da natureza, descrita como rede de vida interdependente e em equilíbrio: “A criança, durante o tempo que o foi, estava simplesmente na paisagem, fazia parte dela”.

Atualmente a paisagem de Azinhaga mudou porque alguns dos seus habitantes arrancaram os velhos olivais para cultivo extensivo de oliveira mais lucrativo.

Plantam-se oliveiras que crescem mais depressa e que “por muitos anos que vivam, serão sempre pequenas” para facilitar a colheita da azeitona que embaratece o trabalho e o produto, proporcionando maior lucro.

O rompimento da ligação ancestral à natureza provoca naquela gente arrependimento, levando-a a chorar o “azeite derramado”, mas inutilmente porque a terra transformou-se irreversivelmente.

Neste cenário de instrumentalização e exploração da terra, reduzida a simples matéria-prima – alimentos e energia – ou mercadoria, para servir o poder supremo do mercado económico, Saramago deixa aberta a pergunta, “O que não sei é onde se irão meter os lagartos”.

Palavras-chave: Natureza; Capitalismo; Direitos Humanos.

Recebido em 15 de junho de 2022.

Aceite em 19 de outubro de 2022.

1. Nova abordagem dos direitos humanos

A *Carta Universal de Deveres e Obrigações dos Seres Humanos*, anunciada por José Saramago no discurso pronunciado no banquete do Prémio Nobel em Estocolmo, a 10 de dezembro de 1998, confere a todos os cidadãos uma voz e papel central:

Neste meio século não parece que os governos tenham feito pelos direitos humanos tudo aquilo a que moralmente estavam obrigados. As injustiças multiplicam-se, as desigualdades agravam-se, a ignorância cresce, a miséria alastra. [...] Mas também não estão a cumprir o seu dever os cidadãos que somos. Pensamos que nenhuns direitos humanos poderão subsistir sem a simetria dos deveres que lhes correspondem [...]. Tomemos então, nós, cidadãos comuns, a palavra. Com a mesma veemência com que reivindicamos direitos, reivindicuemos também o dever dos nossos deveres. Talvez o mundo possa tornar-se um pouco melhor (Saramago 2013).

Criada por uma equipa internacional de pessoas da cultura, de diferentes formações, ideologias e culturas, a *Carta Universal de Deveres e Obrigações dos Seres Humanos* foi entregue oficialmente à Organização das Nações Unidas em 2018 e está a ser discutida e divulgada por Pilar del Rio, presidenta da Fundação José Saramago (Fundação José Saramago. 2017).

Este documento confere aos direitos humanos uma nova abordagem, posicionando-os, não no ponto de vista do sujeito individual de direitos e liberdades fundamentais, o eu, mas no ponto de vista do outro, de todos os outros: humanos e ecossistemas naturais que devemos ter em atenção e cuidar. Só somos humanos no contacto e relação social com aqueles que são diferentes de nós próprios.

2. Nova abordagem do sensível

Este descentramento do sujeito de direitos ou liberdades para o(s) outro(s), é acompanhado de uma valorização do mundo sensível e natural.

Esta perspectiva é estranha a todo o pensamento ocidental.

É estranha à ciência moderna de Galileu e Descartes. A partir de Galileu a realidade restringe-se ao mensurável (figura, tamanho, peso...): O universo compara-se a um livro que “não pode ser lido por toda a gente. Os caracteres desse livro não são outros que os triângulos, quadrados, círculos, esferas,

cones e outras figuras matemáticas”, afirma o astrónomo e físico italiano em carta a Fortunio Liceti de 1641, citada em *Diálogo dos Grandes Sistemas* (Galileu 1979: 117). Descartes separa natureza e ser humano, restringindo a rede de vida à qual pertencemos a uma substância ou coisa (*res*) extensa, puramente material, que pode ser representada em mapas, através de um sistema de coordenadas, criado por este filósofo e matemático, que facilita a conquista e exploração global, orientada pelo princípio normativo que ele próprio estabelece de nos “tornarmo-nos senhores e possuidores da natureza” (Descartes 1986: 82, 119).

Também é estranha à tradição filosófica, sobretudo a partir de Sócrates, para quem o conhecimento resulta do diálogo com os seus concidadãos fundado estritamente na razão e de Platão, para quem o mundo natural, sensível e mutável, é cópia imperfeita do mundo abstrato e inalterável das ideias.

Dissocia-se ainda do cristianismo e judaísmo, fundado no princípio “Crescei e multiplicai-vos, enchei a terra e submetei-a; governai os peixes do mar, as aves do céu e todas as coisas vivas que rastejam na terra” (Génese: 1,28).

O encontro de José Saramago com a natureza dá-se em Azinhaga, sua aldeia de nascimento e lugar onde a sua sensibilidade, imaginação e memória se forma. Nela vivem Josefa e Jerónimo, avós maternos e referências fundamentais de vida.

No livro autobiográfico *As pequenas memórias*, onde José Saramago escreve “as recordações e experiências do tempo em que era pequeno” (Saramago 2014: 108), o menino e jovem Zé encontra, através do contacto direto e afetivo do seu corpo, o mundo das coisas pequenas da natureza, constituído por experiências, histórias e realidades vivas e significativas.

Por exemplo, a “muralha de choupos, freixos e salgueiros” que acompanha o curso do Almonda, rio da sua aldeia que se encontra com o Tejo (Saramago 2014: 10); as pocilgas onde cada “barrã conhecia o mamar de cada filho pela maneira como ele lhe chupava a teta para puxar o leite” (Saramago 2014: 116); ou, simplesmente:

“[...] uma cobra rastejando, uma formiga levantando ao ar uma praga de trigo, um porco a comer do cocho, um sapo bamboleando sobre as pernas tortas, ou então uma pedra, uma teia de aranha, a leiva de terra levantada pelo ferro do arado, um ninho abandonado, a lágrima de resina escorrida no tronco do pessegueiro, a geada brilhando sobre as ervas rasteiras. Ou o rio” (Saramago 2014: 13).

Trata-se de todo um ecossistema de “imagens, cheiros, rumores, aragens, sensações” (Saramago 2014: 73) que dá forma ao imaginário literário de toda a obra do autor – narrador.

É assim que quando, ainda não tinha dois anos, seus pais o “levaram para Lisboa, para outros modos de sentir, pensar e viver”, esta criança “já havia estendido gavinhas e raízes” naquela terra e a ela voltaria todos os anos nas férias “para acabar de nascer” (Saramago 2014: 10). Sobre Azinhaga diz que “foi o berço onde se completou a minha gestação, a bolsa onde o pequeno marsupial se recolheu” (Saramago 2014: 11) para formar o temperamento contemplativo, sensível, solitário e, por vezes, triste da criança e jovem Zé.

Esta estabelece com a natureza uma relação vivida de proximidade e reciprocidade.

Proximidade, pois “a sua atenção sempre preferiu distinguir e fixar-se em coisas e seres que se encontrassem perto, naquilo que pudesse tocar com as mãos” (Saramago 2014: 13).

Em entrevista a Leonetta Bentivoglio para o diário italiano *La Repubblica* abre a possibilidade de sentir e dar voz à natureza a partir da situação experienciada no seu interior, aqui e agora:

“Costumo dizer que entre a montanha que vejo ao longe e a pedra que tenho na mão, prefiro a pedra. Para mim isto significa que a natureza não é uma simples paisagem que se oferece aos olhos, mas uma espécie de comunhão com todo o mineral, vegetal e animal que me rodeia. Uma comunhão que passa por todos os meus sentidos, ao ponto de muitas vezes ter a impressão de me encontrar não do lado de fora mas do lado de dentro. Enquanto observo a natureza sinto que ela me observa” (Bentivoglio 2007: 59-60).

O mundo humano estabelece espontaneamente uma permanente tensão com o mundo natural – seus elementos, vozes, ritmos, inteligência – não se separando dele como espetador diante do seu objeto, pois o ser humano é natureza.

Reciprocidade ou inter-relação, quando afirma, por exemplo, a propósito do cão lobo da alsácia duns vizinhos, que não lhe mordeu porque “Tivemos medo um do outro, foi o que foi” (Saramago 2014: 21) ou do rio da sua aldeia, em *Protopoema*:

“Toda a água me passa entre as palmas abertas, e de repente não sei se as águas nascem de mim, ou para mim fluem. / Continuo a puxar, não já memória apenas, mas o próprio corpo do rio. / Sobre a minha pele navegam barcos e o céu

que os cobre, e os altos choupos que vagarosamente deslizam sobre a película luminosa dos olhos. / Nadam-me peixes no sangue e oscilam entre duas águas como os apelos imprecisos da memória. / Sinto a força dos braços e a vara que os prolonga, / Ao fundo do rio e de mim, desce como um lento e firme pulsar de coração” (Saramago 2014: 14).

Neste mundo, a criança e jovem Zé reconhece-se parte da natureza, descrita como rede de vida interdependente e em equilíbrio ou harmonia: “A criança, durante o tempo que o foi, estava simplesmente na paisagem, fazia parte dela” (Saramago 2014: 13).

O autor demarca-se da visão tradicional instrumental da natureza e desenvolve a percepção de que é o mundo das pequenas coisas que tem e dá a ver este menino e jovem e não é ele quem as possui, controla e domina.

3. A sabedoria de quem vive – e morre – humanamente

A aldeia e suas gentes, principalmente seus avós, transmitem a José Saramago o gosto por uma vida simples e autêntica, que decorre da ligação natural ou homeostática – harmoniosa, diria o autor – entre ser humano e mundo físico. Disse em entrevista ao jornal diário italiano *La Repubblica* que seus avós “representavam a própria terra, o húmus, os cheiros primordiais (aproximo o nariz da manga da camisa do meu avô e sinto seu cheiro), a chuva e a aridez, o quente e o frio. De certo modo foram eles os intermediários entre mim e o mundo” (Bentivoglio 2007: 93) repleto de qualidades sensíveis (para Galileu secundárias e ilusórias).

Da continuidade ou partilha dos mundos humano e não humano resulta “A sabedoria [que] consiste, no fundo, em ter uma relação pacífica com o que está fora de nós, com a natureza”, diz Saramago em entrevista ao diário argentino *La Nación* (Reinoso 2003: 54).

Desta sabedoria vivida e ancestral faz parte a sensibilidade para agir eticamente, na comunidade e em relação com a vida não humana, levando uma vida digna. Diz o autor, “Se há uma coisa na minha vida que ficou como um referencial é o fato de que [meus avós Jerónimo e Josefa] me transmitiram valores. Foram meus melhores mestres, por sua austeridade e seu rigor moral” (Belausteguigoitia 2006: 92).

Neste contexto, Saramago conta dois episódios: seu avô Jerónimo, analfabeto total, encontrando-se aos 72 anos muito doente e intuindo que ia morrer, “irá, de árvore em árvore do seu quintal, abraçar os troncos, despedir-se deles, das sombras amigas, dos frutos que não voltará a comer” (Saramago

2014: 115); seus avós – pastores de oito ou dez porcas, cujos leitões criavam e vendiam – “iam buscar às pocilgas os três ou quatro bácoros mais fracos, limpavam-lhes as patas e deitavam-nos na sua própria cama. Aí dormiriam juntos, as mesmas mantas e os mesmos lençóis que cobririam os humanos cobririam também os animais” (Ibidem), enquanto pertencendo ao fio da mesma paisagem.

Desta sabedoria também faz parte o cultivo da tranquilidade e gosto pela vida, próprio de quem encontrou o seu lugar e propósito no mundo, como sua avó Josefa, que sentada na soleira da porta, “aberta para a noite estrelada e imensa”, disse “com a serenidade dos teus noventa anos e o fogo de uma adolescência nunca perdida: ‘O mundo é tão bonito e eu tenho tanta pena de morrer’” (Saramago 2014: 115)

4. O desligamento do sensível e a perda de humanidade

A ligação experienciada de proximidade, interdependência e pertença para com a natureza, no seu todo e com cada um dos seus elementos, inclusive os mais frágeis e invisíveis, mostra-se geradora de cuidado e equilíbrio ambiental.

Em contrapartida, hoje as crianças não se apercebem nem valorizam as coisas pequenas da natureza, entretendo-se com objetos mecânicos e jogos de computador que as mantêm afastadas, alienadas e cegas perante o essencial. Vivem num mundo virtual e ilusório que o uso massivo e irrefletido de tecnologias digitais intensificou e disseminou. Diz o autor:

“[...] aos cinco ou seis anos, qualquer criança do mundo civilizado, mesmo sedentária e indolente, já viajou a Marte para pulverizar quantos homenzinhos verdes lhe saíam ao caminho, já dizimou o terrível exército de dragões mecânicos que guardava o ouro de Forte Knox, já fez saltar em pedaços o rei dos tiranossauros, já desceu sem escafandro nem batiscafo às fossas submarinas mais profundas, já salvou a humanidade do aerólito monstruoso que vinha aí destruir a Terra” (Saramago 2014: 16, 17).

No entanto, esta criança não é “sequer capaz de apanhar uma lagartixa à mão” (Ibidem).

A perda do contacto físico direto e participativo com a natureza, gera esquecimento e indiferença perante a sua destruição, podendo constituir um efetivo perigo para a humanidade e vida não humana da qual aquela depende. A natureza reduz-se a mero objeto e instrumento para o homem,

tornando-se-lhe acessível no dia-a-dia enquanto simples reserva de recursos, seja jardim, parque natural, animal doméstico ou jardim zoológico.

A paisagem de Azinhaga mudou, sobretudo porque o rio da sua aldeia é uma “humilde corrente de água hoje poluída e malcheirosa” (Saramago 2014: 13) e alguns dos seus habitantes arrancaram os velhos olivais, alguns com pelo menos dois ou três séculos, para cultivo extensivo de oliveira e milho:

“Por cada pé de oliveira arrancado, a Comunidade Europeia pagou um prémio aos proprietários das terras, na sua maioria grandes latifundiários, e hoje, em lugar dos misteriosos e vagamente inquietantes olivais do meu tempo de criança e adolescente, em lugar dos troncos retorcidos cobertos de musgo e líquenes, esburacados de locas onde se acoitavam os lagartos, em lugar dos dosséis de ramos carregados de azeitonas negras e de pássaros, o que se nos apresenta aos olhos é um enorme, um monótono, um interminável campo de milho híbrido, todo com a mesma altura, talvez com o mesmo número de folhas nas canoilas, e amanhã talvez com a mesma disposição e o mesmo número de maçarocas, e cada maçaroca talvez com o mesmo número de bagos” (Saramago 2004: 11,12).

Plantam-se oliveiras que crescem mais depressa e que “por muitos anos que vivam, serão sempre pequenas” para facilitar a colheita da azeitona que embaratece o trabalho/ trabalhador e o produto/ natureza, proporcionando maior lucro ao proprietário e aumentando o consumo. O rompimento da ligação ancestral à natureza provoca naquela gente arrependimento, levando-a a chorar o “azeite derramado”, mas inutilmente (Saramago 2014: 12) porque a terra transformou-se irreversivelmente e o desequilíbrio ambiental cresce.

Neste cenário de instrumentalização e exploração da terra, reduzida a simples matéria-prima – alimentos e energia – ou mercadoria, para servir o poder supremo do mercado económico, gera-se dinheiro, lucro, sem ter em conta qualquer princípio ético ou preocupação ambiental e social que lhe possa impor limites.

Conclui que “Azinhaga, está naquele lugar por assim dizer desde os alvares da nacionalidade (já tinha foral no século décimo terceiro), mas dessa estupenda veterania nada ficou” (Saramago 2014: 9). Hoje não é a sua aldeia, mas a aldeia onde habitam as suas memórias e imaginação de infância e juventude.

Por conseguinte, deixa aberta a pergunta, “O que não sei é onde se irão meter os lagartos” (Saramago 2014: 12) e a rede de vida a que pertencem.

5. Mudar tudo

José Saramago, através da sua escrita e envolvimento na vida pública, critica o poder do capitalismo, assente na desvalorização das pessoas e da biosfera, bem como numa vivência formal da democracia porque, o que aparenta ser importante, é a circulação de dinheiro através da sociedade e natureza, controlada por uma elite maximamente poderosa não eleita pelos cidadãos.

Neste contexto, chama a atenção para o comportamento humano destrutivo, responsável pela extinção de espécies – a “Cada minuto extinguimos uma espécie de ave e alguém em algum lugar remoto contempla pela última vez na Terra uma determinada flor” (Osorio e Cristo 2001: 159), bem como para o lento genocídio das comunidades indígenas que, devido ao desaparecimento da floresta, de que são guardiãs, se tornam extremamente vulneráveis, inclusive a doenças como a Covid-19 difíceis de controlar pelo homem – no Brasil, nos últimos 30 anos, foram destruídos 69 milhões de hectares de floresta e cada ano bate recordes relativamente ao ano anterior (Folha de S. Paulo 2022).

Tem provocado, de forma crescente e em larga escala, aquecimento global e subida do nível das águas do mar, extinção de espécies e desflorestação, poluição e contaminação das águas, impossibilidade de regeneração dos solos, problemas de saúde mental e doenças como a pandemia Covid-19, comprometendo a vida na terra e o direito a uma vida digna por parte de todos, incluindo futuros cidadãos.

Através da Fundação José Saramago, criada em 2007 e presidida por Pilar, o Prémio Nobel da Literatura pretende que esta, para além do cuidado e projeção da sua obra, “intervenha na vida. Será uma pequena voz, eu sei. Não poderá mudar nada, também sei. Mas queremos que funcione como se tivesse nascido para mudar tudo” (Ortiz 2007: 94). A Carta Universal de Deveres e Obrigações dos Seres Humanos estabelece o roteiro desta mudança compatível com a Agenda 2030, a Década das Nações Unidas para a Restauração dos Ecossistemas 2030 e o Pacto Ecológico Europeu 2050.

Referências bibliográficas

Belausteguigoitia, Alberto. 2006. “Saramago afirma que ‘hay que vivir a la contra’ al inaugurar la Feria del Libro de Sevilla”. In: *José Saramago nas suas Palavras* (2.^a Ed.). S.l.: Editorial Caminho.

Bentivoglio, Leonetta. 2007. “A pequena memória, La Repubblica”. In: *José Saramago nas suas palavras* (2.ª Ed.). S.l.: Editorial Caminho.

Descartes, René. 1986. *Discurso do Método*. Lisboa: Porto Editora.

Folha de S. Paulo. 2022. *Terras Indígenas Ajudam a Proteger Áreas Florestais do Desmatamento*. S. Paulo: FSP. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/empreendedorsocial/2022/04/terras-indigenas-ajudam-a-proteger-areas-florestais-do-desmatamento.shtml> (consultado em 14 de junho de 2022).

Fundação José Saramago. 2017. *Carta Universal de Deveres e Obrigações dos Seres Humanos*. Lisboa: FJS. Internet <https://www.josesaramago.org/carta-universal-dos-deveres-e-obrigacoes-dos-seres-humanos/> (consultada em 2 de junho de 2022).

Galilei, Galileu. 1979. *Diálogo dos Grandes Sistemas*. Lisboa: Gradiva.

Ortiz, María. 2007. “Colombia debe vomitar sus muertos”. In: *José Saramago nas suas Palavras* (2.ª Ed.). S.l.: Editorial Caminho.

Osorio, Amparo e Cristo, Gonzalo. 2001. “José Saramago: La moral insurrecta” (n.º 265). In: *José Saramago nas suas Palavras* (2.ª Ed.). S.l.: Editorial Caminho.

Reinoso, Susana. 2003. “José Saramago: ‘La honestidad no está de moda’”. In: *José Saramago nas suas Palavras* (2.ª Ed.). S.l.: Editorial Caminho.

Saramago, José. 2013. Discurso de Estocolmo. Estocolmo: Fundação José Saramago. Disponível em: <https://www.josesaramago.org> (consultado em 8 de junho de 2022)

_____. 2014. *As Pequenas Memórias* (4.ª ed.). Porto: Porto Editora.